

## A peregrinaCão de Artur Vilar

Eduardo Palaio

"O Fernão Mendes Pinto escreveu para dar conta de 'trabalhos e perigos que passei em que fui treze vezes cativo e dezassete vendido': ora eu meter-me a contar coisas da minha vida... só posso contar com a vossa compreensão se lhes disser que cá o Artur Vilar, a modo mais modesto, foi duas vezes cativo, entrou numa guerra mundial e em mais cinco campanhas militares, quatro vezes ferido em combate e prostrado três meses de cama por uma caldeirada que o pai lhe deu; foi conspirador e guerreou debaixo de duas bandeiras e de dois hinos, teve três esposas, foi dono de roça, sapateiro, pedreiro e caçador por sua conta e conta de outros; esteve num lazareto, apanhou febre amarela, pneumónica e seis biliosas; foi pasto de piolhos, teve destino de branco e de negro; nunca levou uma medalha, nem ninguém ouviu falar dele na sua terra".

### BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

*Uma história para os meninos*  
Ed. DORS, 1975

*Pinta-o às bolinhas azuis*  
Ed. Plátano, 1980

*Botes, buques e bicicletas*  
Ed. de autor, 1998

*Comer fora*  
Ed. de autor, 1999

*Faz sentido*  
Ed. de autor, 2000



## A peregrinaCão de Artur Vilar

Eduardo Palaio

se. Quando estávamos um com o outro, ninguém escorregava. Sentia-lhe bem a pele quente e seca, a sua magreza pequenina apertava-se-me toda. Falava então com a voz colhida, mais para trás do que p'ra frente. E quando assim falava, era a umidade que lhe desaparecia o riso calado. Tinha-se calhar, lá p'ras bandas da terra. Chamava-lhe Joana. Nunca de Portugal, conheci-a em Coimbra, no Hospital de Santa Clara. Foi a segunda vez que quem estive. Curou-me da desilusão com a vida. Era uma mulher brutal e ebria, também puta no campo de Santa Clara. Arranchava como uma gata e me bocava sem vergonha: «Ai, os três! Ainda cá, meu filho! Nem a mim me dá a mãe a chamar-me meu filho». Só o fazia em ocasiões especiais, como aquela em que quase me matou no Mondego ou quando fui para a escola. Enquanto isso, assim se chamava a besta, me submeia a gordura branca das grandes mamas, sempre a gargalhar, eu sentia-me mirrar, mesmo nos segundos em que menos devia mirrar. Durante muitos tempos, sempre que olhava as minhas pernas interrogava-me, apreensivo, sobre se elas tinham para alguma coisa, media com o palmo e tentava a pensar se não teria a mão pequena. Com a Joana, foi tudo diferente, foi ao ar livre, após a saída da missa das gajas. Tinha-a conhe-

**29 de Novembro - 16.00h**  
**Biblioteca Municipal - Fórum Cultural**  
**Câmara Municipal do Seixal**  
**Publicações Miosótis**





## NOTA BIOGRÁFICA

Eduardo Palaio, seixalense por opção e adopção, nasceu em Sintra a 10 de Janeiro de 1942. Quando tinha poucos meses os seus pais radicaram-se na Figueira da Foz, cidade onde decorreu a sua infância e adolescência. Muito jovem, aos 6 anos, conheceu o mundo do trabalho tendo, em simultâneo, estudado e concluído o curso do Instituto Comercial. A matrícula no Curso de Direito não teve sequência, pois foi chamado ao serviço militar obrigatório, onde permaneceu quatro anos, dois dos quais em Angola como comandante de grupo de combate. Exerceu diversas profissões: oficial militar contratado no Colégio Militar, contabilista, servente metalúrgico, soldador e tipógrafo, a sua actividade mais duradoura.

Eduardo Palaio desenvolveu intensa actividade política e associativa. Participou no movimento antifascista, foi militante cooperativista (integrou a direcção do Instituto António Sérgio). Foi convidado pela ONU para trabalhar na OIT em Genebra e foi membro e dirigente de diversas colectividades e cooperativas, tendo-se também envolvido em actividades de animação cultural e educação de adultos.

Desde muito jovem que Eduardo Palaio se dedica à escrita, ao desenho e à pintura. Deu à estampa, aos 18 anos, os seus desenhos na revista humorística *O Mundo Ri* e, em 1966, expôs pela primeira vez os seus trabalhos. Nos anos 70/80, retoma a publicação regular de cartoons e participa nos Salões Nacionais de Caricatura e Desenho de Humor. Participou em diversas exposições, individuais e colectivas, a nível nacional e internacional, nomeadamente no México, na exposição Encontro de Dois Mundos, por ocasião das comemorações dos 500 anos da chegada de Colombo à América. Os seus trabalhos plásticos mereceram a atribuição de vários prémios. É ainda autor de diversos murais que marcam nove espaços públicos no concelho do Seixal.

Eduardo Palaio também se dedicou à escrita, tendo cultivado vários géneros (romance, conto, crónica e literatura para crianças). Tem ainda colaborações dispersas em diversos jornais. Interessou-se também pela poesia, tendo ganho diversos prémios. A *PeregrinaCão de Artur Vilar*, publicada pela Miosótis, é a sua mais recente obra, um livro que tomou como um dever escrever: um tributo a Artur Vilar que conheceu em Angola.

Esta *PeregrinaCão* que Eduardo Palaio nos oferece rasga um pedaço daquela cortina de ocultação que, por desinteresse ou incapacidade de olhar de frente, cobre partes substanciais da nossa história recente que permanecem desconhecidas. O figueirense Artur Vilar poderia também permanecer um daqueles soldados desconhecidos da pátria se Eduardo Palaio o não resgatasse do esquecimento.

Foi durante o serviço militar em Angola que o autor conheceu o figueirense Artur Vilar, a personagem principal de *PeregrinaCão*, com 60 anos de África e uma vida mestiça e aventureira, digna de filme ou romance. Émulo de um Fernão Mendes Pinto, não surpreende o título que acentua as deambulações, aventuras e desventuras de Artur Vilar. Os planos narrativos desta nova peregrinação, salpicada de humor e onde o realismo se sobrepõe ao simples descritivo, não discorrem sobre o signo da grandeza da construção de um império: é a gesta possível de uma odisseia pessoal que nos mostra a outra face da transfiguração do mito de uma história oficial parcelar: a realidade da dúbia heroicidade da tropa maltrapilha, de um país pobre e atrasado a quem o rasgo e o acaso concederam uma dimensão e destino inesperados.

Este memorial da peregrinação de vida de Artur Vilar não nos oferece um herói clássico. Ele é um homem que enfrentou combates medonhos (*matava-se e morria-se em bandalheira. Cobra, jacaré e onça nunca devem ter visto coisa assim*), um dos daquela tropa fandanga mal armada, piolhosa e esfomeada que lutou para exercer soberania, quer nas guerras de pacificação de Angola no início do século XX, quer nos confrontos da Grande Guerra (no tempo em que esta ainda se escrevia no singular), transferidos para os territórios africanos. Nesse tempo, mordomias e confortos da civilização europeia não tinham chegado àquelas partes. A civilização era levada aos nativos pela tropa, comerciantes e padres que lhes demonstravam *a alegria de vida que é a de se estar sempre preparado para morrer*.

Filho de pobres, pouco letrado, envolveu-se nas lutas estudantis e operárias. O tempo passava, a república nunca mais rebentava, e Artur Vilar voluntariza-se para Angola, onde deveria ir *só para tomar conta do palácio do Governo*. Esta missão durou-lhe para a vida de homem dos sete ofícios, entremeada por mais de dez anos de campanhas militares (*funantes, fazendeiros e negros, podiam no meio de tudo isto, pensar nos haveres e teres e a coisa, sendo dura, fazer sentido. Lutavam por alguma coisa. Agora para a gente, a tropa fandanga, só ficava o matar e o não se deixar cortar às postas*). Pelo meio, internamentos hospitalares por ferimentos graves, fundadas patologias ou simples sorna, quando já tinha percebido o que, de facto, significava *guardar o palácio do governo*. Os rasgos heróicos, a valentia, manifestam-se na forma de coragem relutante em assumir riscos: *uma coisa é estar no quadrado e um gajo tê-los no sítio, porque isso é a tal coisa do "pois que remédio", outra é ser voluntário*.

Não deixa, porém, de existir estoicismo e hombridade neste soldado da fortuna, tão capaz de lançar mão de expedientes como de não se adaptar aos felizes acasos da sorte. Desmobilizado em 1919, fica como colono: *era capataz, não porque soubesse do ofício, isso fui aprendendo: os negros sabiam fazer o que era preciso e a mim competia-me fazê-los trabalhar. Era ofício de mandar*. Experimentou ser comerciante, roceiro de terras confiscadas aos negros (sempre sem problemas de mão-de-obra: *saía a rusga a perguntar ao indígena passante, ao mal escondido: "cartão de patrão, tem?" - até rimava. Não tinham: iam presos e dali era só ir buscá-los, que o trabalho era obrigatório, naqueles tempos. Havia que civilizar*). Mas talvez por feitio, talvez pela lembrança de também ele ser um desapossado, só conseguiu ser duas coisas: soldado ou sapateiro, sendo *patrão e único empregado* da sua oficina. Artur Vilar, que testemunha todo o percurso do colonialismo no século XX até à eclosão dos movimentos de libertação de Angola é, de certa forma, uma representação alegórica de muito deste país: pobre, sofrido, profundamente arreigado à sua maneira de ser, incapaz de colher vantagem onde outros triunfam, mas com uma história que é uma espantosa e verdadeira aventura.